

EDUCAÇÃO DE MULHERES DAS ÁGUAS E DA FLORESTA: PELO DIREITO A PARTICIPAR¹

EDUCATION OF WATERS AND FOREST'S WOMEN: FOR THE RIGHT TO PARTICIPATE

Rita de Cassia Fraga
Machado²

² Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.
E-mail: rmachado@uea.edu.br

Resumo

Neste artigo, busca-se socializar uma experiência construída com base na discussão da análise feminista somada ao conceito de mulheres, educação e formação. A metodologia adotada no desenvolvimento das atividades “Educação das Mulheres”, levada a termo na disciplina de Filosofia da Educação Brasileira, nos anos de 2013-2014-2015, no Curso de Pedagogia no Centro de Estudos Superiores de Tefé, foi à pesquisa-ação-participante. No primeiro ano, foram levantados os temas geradores e as questões problemáticas; no segundo e terceiro ano, a formação das mulheres através de percursos formativos. Nos três anos em que essa experiência foi consolidada, o tema “Educação e Mulheres” também desenvolvemos a experiência de um CineDebate com um grupo de acadêmicos na Universidade. Para isso, deveriam considerar a relevância social e as discussões e os debates realizados na extensão, na pesquisa e na disciplina levadas pela equipe extensionista. Para finalizar, apresentar a discussão central do objeto “participação de mulheres das águas e da floresta” como direito de participar e as construções teóricas realizadas. Como processo de formação comunidade-universidade, observou-se um caminhar próprio da equipe e das mulheres vinculado ao espaço de participação para além da casa. Neste sentido, notou-se que o registro dos processos são instrumentos metodológicos que permitem a nós, pesquisadoras e pesquisadores, realizar uma avaliação do próprio trabalho coletivo.

Palavras chave: Educação. Mulheres das Águas e da Floresta. Participação. Direito. Extensão Universitária.

Abstract

This article seeks to socialize an experience built on the feminist analysis discussion added to the concept of women, education and training. The methodology used in the development of activities "Women Education", carried to term in discipline Philosophy of Brazilian Education in the years 2013-2014-2015, in Pedagogy Course in Centro de Estudos Superiores de Tefé, was the action research -participant. In the first year the generating themes and issues were raised; the second and third year the training of women through training courses. In the three years that this experience has been consolidated, the theme "Education and Women" also developed the

¹ Este texto é um relato de experiência oriundo do projeto de extensão “Educar Mulheres em busca de seus Direitos” orientado e coordenado pela professora Dra. Rita de Cássia Fraga Machado, professora na Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Tefé. rmachado@uea.edu.br. Contribuíram com este projeto os bolsistas de extensão Huélfeson Falcão e Zila Castro, como bolsista/ PROEXT.

reexperience of a discussion of video (CineDebate) with a group of academics at the University. To this, it should consider the social relevance and the discussions and debates in extension, research and discipline taken by extension staff. Finally, present the main discussion of the object "participation of water and forest's women" the right to participate and contribute to the theoretical constructions carried out. As a process of community-university training, there was a staff walking itself and women linked to the area of participation beyond the home. In this regard, it was noted that the record of the processes are methodological tools that allow us researchers and researchers to conduct an evaluation of the own collective work.

Keywords: Education. Women's Water and Forest. Participation. Right. University Extension.

A FLONA de Tefé: o território

A Floresta Nacional de Tefé é uma Unidade de Conservação Federal (UC) localizada na região do Médio Solimões, Amazonas, Brasil. Possui uma área total de 1.120.000,00 hectares abrangendo 100 comunidades/localidades e 800 famílias cadastradas, conforme dados do ICMBio de Tefé- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

O objeto primordial está circunscrito ao aspecto da educação popular e ao empoderamento das mulheres mediante a participação das mulheres da floresta³ e das águas⁴. Esta perspectiva da participação assenta-se na tomada de consciência de sua condição de gênero, em suas relações com a terra, a floresta e os rios que integram sua pertença no universo amazônico e camponês e alimentam seu mundo material e imaterial.

De outro lado, cumpre-nos sistematizar conhecimentos no âmbito da extensão a partir de visões das próprias mulheres da floresta e das águas, numa perspectiva de pesquisa-ação, cujos aspectos teóricos pretendem aproximação com a pesquisa comparada. Significa dizer, como diretriz metodológica, que não nos compete falar em nome dessas mulheres ou falar por elas; cabe-nos produzir conhecimentos a partir delas e junto com elas sobre suas práticas de trabalho, organização social, seu trato com o meio ambiente e todo o seu acervo de "dizer sua palavra" por meio da participação popular no âmbito das práticas sociais.

A Educação das Mulheres: os encontros realizados

Realizado em 10 e 11 de Março de 2012, pela analista ambiental do ICMBio, Gabriela Calisto, o primeiro encontro, onde reuniu mulheres de 12 e 70 anos de idade para começar um trabalho específico com as mulheres da Flona de Tefé, esclarecendo questões surgidas ao longo dos anos de trabalho na unidade de conservação

³ São residentes em onze (11) comunidades tradicionais dos municípios de Alvarães e Tefé, no Amazonas, sem, no entanto, descartar o espectro fundamental da investigação científica. Nossa tarefa-força com essas mulheres, por um lado, consiste em dotá-las de informações qualificadas acerca de ferramentas necessárias no que diz respeito à construção e potencialização de sua participação referente à ampliação de sua consciência política em sua condição de trabalhadoras, agricultoras, extrativistas e agentes primordiais de zelo e conservação do meio ambiente.

ligadas a pouca participação das mulheres nos espaços de decisão da UC e visando provocar reflexão acerca do papel da mulher no processo histórico da humanidade e do processo histórico de mobilização das mulheres a nível internacional, nacional, regional e local.

Os encontros de formação e educação priorizou a troca de ideias e experiências entre as mulheres participantes e as facilitadoras, tendo como foco principal identificação e discussão das principais dificuldades no dia a dia das mulheres extrativistas.

O Pré-Encontro, realizado no dia 06 de abril de 2014, teve como objetivo a retomada do projeto iniciado em 2012, que no mesmo ano foi interrompido por falta de recursos financeiros e humanos através do programa de extensão da UEA, usando como metodologia a pesquisa-ação participante que priorizou a troca de ideias entre as mulheres, onde o objetivo principal era levantar as principais dificuldades das mulheres em sua comunidade e propor o compromisso com o projeto e a participação no próximo encontro.

Figura 1

Mulheres chegando para a Formação na Comunidade

Fonte: Arquivos do Núcleo de Pesquisa e Extensão MIRANTE CEST/UEA, 2016.



⁴ No Rio Grande do Sul o grupo e o mapeamento de pesquisa serão realizados após uma reunião com o Movimento de Mulheres Camponesas do Estado. Toda esta bagagem trazida pelo movimento das camponesas, associada aos demais movimentos, reafirmou a luta das mulheres camponesas em dois eixos: Gênero e Classe. São mulheres que lutamos pela igualdade nas relações e pertencemos à classe das trabalhadoras e trabalhadores. Nessa trajetória de luta, organização e participação das mulheres camponesas foram sendo construída uma mística feminina, feminista e libertadora, cujo conteúdo se expressa no Projeto Popular que o Movimento está comprometido que articula a transformação das relações sociais de classe com a mudança nas relações com a natureza e a construção de novas relações sociais de gênero. Essa mística se expressa em símbolos do movimento e, ao mesmo tempo na práxis coletiva do movimento, quanto das mulheres camponesas inseridas nele.

O trabalho doméstico é tido como responsabilidade das mulheres. A maioria das mulheres da Flona que trabalham fora de casa, como na roça, também realizam trabalhos domésticos como: cuidar dos filhos, arrumar a casa, lavar roupa, lavar vasilhas, fazer comida, e as que ainda estudam, vão à escola à noite. Dessa maneira, as mulheres extrativistas da Floresta Nacional de Tefé tem uma tripla sobrecarga de responsabilidades: com a família, o trabalho e o estudo.

Embora desligada da produção direta dos bens econômicos e não geradora de mais valia, a força de trabalho feminina empregada no lar é responsável pela recriação permanente da força de trabalho que, aliada aos meios de produção, permite reproduzir o capital (SAFFIOTI, 1987).

O fenômeno da exploração aparece, pois, escamoteado. Parece não existir, uma vez que ninguém extrai mais valia do trabalho doméstico da mulher. Entretanto, é perceptível, se examinarmos o trabalho doméstico da mulher através do circuito que se estabelece o capital e a família por intermédio do trabalho produtivo do homem. [...] Evidentemente, este processo é vantajoso para o capital, mas apresenta consequências extremamente deletérias para as mulheres (SAFFIOTTI, 1987, p. 21).

A imagem abaixo simboliza o reencontro das mulheres na comunidade Vila Sião. Neste encontro, retomou-se com muita força a proposta do projeto, firmando um compromisso das mulheres com a proposta. Também definiu-se o nome do mesmo “Somos Mulheres e queremos participar” sob o lema mexeu com uma mexeu com todas.

Ao longo da execução do projeto com as mulheres, foi-se percebendo o aumento das participações e envolvimento das mesmas nos encontros de formação onde os temas e o local a ser realizado cada encontro eram escolhidos pelas próprias mulheres ao final de cada encontro.

Não há dúvidas de que, comparado à situação de poucas décadas atrás, o grau de participação das mulheres melhorou. Percebe-se que as mulheres estão mais autônomas, se organizando para participar de eventos que antes nem imaginavam em participar, pois acontece fora do Estado em que moram, a participação das mulheres nas assembleias na associação “mãe” que antes era apenas na cozinha, hoje já se vê além de participar em plenárias, já vemos mulheres assumindo cargos da diretoria executiva da mesma o que antes era difícil de ver, onde os discursos eram tímidos, hoje vemos mulheres mais articuladas.

Tendo em vista a pouca participação das mulheres nas tomadas de decisão, a formação/educação é essencial para promover a igualdade de gênero nas comunidades ribeirinha da Flona de Tefé, onde o cenário da má qualidade de Educação é um problema sério, em que as mulheres deixam de frequentar a escola sem mesmo ter conhecimentos básicos. Muitas não são alfabetizadas, desta forma, sentem-se despreparadas para enfrentar e reivindicar seus direitos, bem como a participação política na comunidade, nas reuniões setoriais da UC, nas Assembleias, entre outros.

“Não tenho bem o que dizer da minha infância assim, bem dizer eu num aproveitei muito não porque às vezes a gente trabalhava muito né? Vivi mais foi minha vida assim trabalhando, porque uma que eu sou a filha mais velha daí depois de mim vem, mas duas irmã, o ultimo que já é o caçulo é um homem mas, eu mesmo só era. Fazer que? eu era o braço direito do meu pai no trabalho” (Entrevista A).

Percebemos que a Formação/ Educação é o caminho para o desenvolvimento e incentivos no sentido de instruí-las para poderem reivindicar os seus direitos e terem resultados positivos enquanto mulheres empoderadas.

Ao longo dos encontros, temos observado como o patriarcado tem predominado fortemente na Flona de Tefé e em seu Entorno. Ainda, a família que diz que a mulher não precisa estudar tudo que deve saber, tem que ser ensinado pela mãe, que são os trabalhos domésticos.

[...] a mulher tem direito de ser respeitada né, primeiramente, mas também pra gente ser respeitada a gente tem também que respeitar, assim ser bem tratada, porque tem assim, as vezes assim, eu tiro assim pelo uma que tem assim lá na nossa comunidade, ela dá na cara dele, fala s coisa pra ele, ele fica calado, as vez até eles mesmo que joga bola diz, será que esse cara não tem “sangue no olho?”. Mas assim a pessoa ser assim demais já fica demais feio, tem que ser de igual pra igual. Mas eu não me astrevo a bater nele não, falar assim às coisas que magoa ele [...] (Entrevista B).

Percebemos que essas mulheres passam mais tempo cuidando dos filhos e fazendo os trabalhos domésticos do que participando de algum outro ambiente que não seja o lar. As tarefas destinadas às mulheres nesta sociedade são mais árduas tendo de cuidar dos filhos, enquanto os homens frequentam algum tipo de lazer, como esportes ou brincadeiras que compensem o tempo que trabalharam durante o dia.

As palavras respeito, reconhecimento, empoderamento, participação e inclusão entraram na ordem do dia há pelo menos vinte anos, e veem-se esforços diários para trazer à mulher a igualdade de direitos e de oportunidades na vida social e econômica.

Em muitos círculos, a figura da dona de casa, escrava do lar, a submissa, nascida para ser mãe e fadada apenas a isso, é vista como um engano e uma ilusão, e erra quem acredita que as mulheres chegaram a um ponto de igualdade de direitos.

Embora haja muitas batalhas de movimentos de mulheres, houve avanço na legislação brasileira, como a Lei Maria da Penha, articulada com o pacto Nacional de Combate à Violência contra a Mulher, um grande mecanismo de defesa da mulher em situação de violência doméstica e a lei do Feminicídio recém-aprovada, mas esta ainda necessita ser aperfeiçoada, implementada e, sem dúvidas, essas leis e políticas públicas ainda precisam chegar à floresta, nas comunidades ribeirinhas, onde, embora muitos não veem, mais tem gente vivendo.

Houve um aumento significativo das mulheres nas reuniões e assembleias que acontece na UC, que antes predominava a participação dos homens nas plenárias de discussão e deliberação e as mulheres tinham como espaço de participação a cozinha.

A medida que os encontros vão acontecendo, percebe-se que esse trabalho é de suma importância para que todas conheçam os seus direitos, e lutem por igualdade social, eliminando qualquer forma de discriminação contra a mulher.



Figura 2
Encontro de Formação com as Mulheres.
Tema: Liberdade, Autonomia e Dignidade.
Fonte: Arquivos do Núcleo de Pesquisa e
Extensão MIRANTE CEST/UEA, 2015.

Seria uma utopia afirmar que o trabalho de formação realizado com as mulheres da Flona eliminaria todos os tipos de violência contra a mulher. Os preconceitos e a discriminação contra as mulheres são históricos e sociais, e embora exista lei que as protejam, muitas não sabem do seu direito enquanto cidadãs. No encontro abaixo, discutimos e refletimos sobre estas questões, e concluiu-se que se precisa ser vigilante uma das outras para que a violência diminua.

O que nos chama atenção é que, se não forem enfrentadas essas desigualdades, perpetuará a violência contra as mulheres e a única educação que irão continuar recebendo, onde a menina tem que cuidar dos irmãos e da casa até chegar à adolescência, momento em que muitas constroem novas famílias, impedindo que as mesmas progridam economicamente, política e socialmente. “Eu estudava só que veio os filhos né, aí tem dia que num tem aula né, aí desiste de estudar, tinha que trabalhar é difícil trabalhar e estudar” (Entrevista C).

Figura 3

Equipe preparando encontro de Formação com as Mulheres que será: As relações de Gênero nas Comunidades Tradicionais. Fonte: Arquivos do Núcleo de Pesquisa e Extensão MIRANTE CEST/UEA, 2015.



Através dos temas ministrados pela formadora de cada encontro, percebemos que as mulheres estão envolvidas, participando, enfrentando os próprios desafios, em busca de igualdade, participação política, transformando a sociedade em que está inserida em busca de igualdade de gênero e rendas mais altas, com capacidade de assumir papéis para além do trabalho doméstico e do extrativismo.

A cada encontro, percebe-se que os temas discutidos têm provocado reflexões sobre o papel da mulher nos espaços de tomadas de consultas, de tomadas de decisões e que o papel da mulher não se resume a casa e o roçado, como há centenas de anos vem sendo pregado para as famílias, que a mulher tem que ser sempre a submissa ao homem, mais que a mulher pode sim, estar participando, se empoderando e assumindo posições de liderança nas comunidades em que moram e nas organizações governamentais e sociais.

Fazer trabalho no coração do Amazonas com as mulheres da floresta tem sido um desafio muito grande. Primeiro por se tratar de uma região muito grande, onde os meios de acesso são apenas a fluviais, o que encarece o desenvolvimento de trabalhos mais efetivos com os povos da floresta, no entanto, essas dificuldades não nos desanimaram a fazer esse trabalho que provoca reflexões e transforma a vida dessas populações que estão às margens das políticas públicas, esquecida na floresta e que, dificilmente, aparecem nas estatísticas como pessoas cidadãs e que, embora o sistema brasileiro as ignore, estão lá na floresta, vivendo, trabalhando e conservando a natureza, mantendo suas culturas e tradições.

Enfim, não podemos aceitar o papel de “mulher-desculpa”, como diria Simone de Beauvoir, ou que a mulher que não participa por que não quer, mas assumir uma

atuação realmente comprometida com a luta das mulheres por igualdade de direitos e oportunidades, questionando valores e posturas machistas e propondo políticas na perspectiva da construção de igualdade. Temos o dever de trazer para o cenário político o debate e a concretização das bandeiras de luta das mulheres da floresta, lutando por direitos, visibilidade, igualdade, sendo a voz e a referência de tantas outras mulheres.

Chegar ao poder, portanto, não significa abrir mão da feminilidade. Muito pelo contrário. Significa levar um olhar feminino ao poder. Ao lado dos homens é possível construir uma sociedade onde ser mãe e dona de casa não seja destino, imposição, mas sim uma escolha das mulheres. Uma sociedade digna, justa e igualitária, sem distinção de cor, sexo, religião ou situação financeira.

Educação, Ação e Pesquisa: mulheres das águas e da floresta em movimento

Nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 2014, realizou-se, na Universidade do Amazonas, o primeiro Seminário Nacional de Mulheres da Floresta: participação popular e Justiça Social, cujo objetivo foi tornar público o trabalho de educação com as mulheres da FLONA que a equipe estava desenvolvendo. As mulheres neste seminário pegam o microfone e “dizem a sua palavra”. Dizer a sua palavra para nós significa o processo de emancipação que elas próprias começam a desenvolver. Apresentaram-se resultados parciais de pesquisa e extensão.



Figura 4
Mulheres participando das decisões do projeto “Somos Mulheres e queremos Participar”.
Fonte: Arquivos do Núcleo de Pesquisa e Extensão MIRANTE CEST/UEA, 2014.

Neste encontro também se celebrou a assinatura de um projeto de trabalho e renda assinado em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Instituto Federal do Amazonas. Este projeto intitula-se Organização Produtiva, Mobilização Social e Informação em direitos para as mulheres.

Este também foi um momento delas se enxergarem enquanto mulheres que tiveram historicamente seus direitos negados pelo estado brasileiro e pela própria família. Casos de violência destacaram-se, a fome na floresta, a falta de escola pública para seus filhos, saúde, moradia, luz, etc. Em anexo está a carta de moção elaborada durante o seminário.

Mas, ao mesmo tempo, este Seminário foi um lugar de anúncio.

Nesta expressão transbordam não só relações de poder, forças dialógicas, mas também sinergias, afetuais, amorosas que as saturam e as renova em um incessante devir, enquanto recria quem a engendra, quem as desdobra, quem as pronuncia e nesse exercício político de diferir vão reinventando politicamente outro mundo (LINHARES, 2010, p. 45).

Durante o seminário e depois da Marcha, onde denunciaram e anunciaram direito das mulheres em Tefé a Câmara Municipal do Município, aprovou a criação do Conselho Municipal de Política para Mulheres - CPM. Não há dúvidas que este processo político é resultado de uma forte mobilização e formação destas mulheres em relação aos seus direitos.

Portanto, gostaríamos de finalizar este relato afirmando um lema que tem sido dito por estas mulheres e populações: “Na Floresta tem mulher! E, se tem gente, são necessários direitos e políticas públicas que garantam a vida com qualidade destas pessoas.”

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: SP, Ideias e Letras, 2006. 295 p.
- CASTRO, Amanda Motta, EGGERT, Edla. Elas tecem teorias enquanto tramam peças artesanais: mulheres na ação simultânea da reflexão e da criação artesanal. In: IV Congresso Internacional de Educação. A educação nas fronteiras do Humano, 4, 2005b, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo, 2005b.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.
- LINHARES, C. **Anuncio e Denuncia**. In: STRECK, Danilo R. et. al (org.) **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Rev. Amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 45-46.
- MACHADO, R. C. F. **Educação Necessária para ir além. Tese de Doutorado**, UFRGS, 2014.

_____. CASTRO, Amanda Motta. **Direito das Mulheres no Brasil: experiências de Norte a Sul**. Manaus: UEA Edições, 2016.

Educação de Mulheres e Meninas. **Journal USA**. Departamento de estados dos EUA/ bureaus de programas de informações internacionais; v. 15, n. 12. publicado em: 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

STRECK, Danilo R. (Org.) ; SOBOTTKA, Emil A (Org.) ; EGGERT, Edla (Org.). **Conhecer e Transformar: Pesquisa-Ação e Pesquisa Participante em diálogo Internacional**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1. 370 p.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, T. **Pesquisa Participativa, Emancipação e (Des)Colonialidade**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1. 152 p.